

A MULHER PROFESSORA E SUAS SUBJETIVIDADES: UMA ANÁLISE FRENTE AO DESEQUILÍBRIO REPRESENTATIVO NA ÁREA DAS CIÊNCIAS EXATAS E LINGUAGENS

Heloisa da Cunha Costa ¹

Resumo:

Tendo como fonte entrevistas orais com docentes da área das ciências naturais e linguagens, atuantes de uma mesma escola de nível médio localizada na cidade de Salvador - BA, o trabalho em questão busca compreender como as subjetividades influenciam no fazer da mulher professora frente ao notório desequilíbrio representativo nas áreas de conhecimento supracitadas. Percebendo assim, que a subjetividade influencia na sua prática em sala aula de formas distintas e únicas, não só por conta da sua presença e/ou ausência nas diferentes áreas de conhecimento, mas também, devido à trajetória definida pelo seu contexto de vida profissional e pessoal, evidenciando que a formação da mulher professora não resulta exclusivamente do que é estudado nas academias, abrangendo assim questões vistas e vividas em múltiplos espaços e contextos da sua trajetória de vida.

Palavras-chave:

Subjetividades, mulher, representatividade, professora.

INTRODUÇÃO

Mesmo frente às notórias conquistas obtidas pelas mulheres no decorrer da história, é inegável que a sua ausência ainda faz-se perceptível em determinados espaços da contemporaneidade. Desta forma, ao perceber tal ausência, o trabalho em questão nasce frente à percepção da desigualdade representativa da mulher professora em determinadas áreas de conhecimento do nível médio, mais precisamente, nas áreas de linguagens e ciências naturais e códigos e linguagens (para efeito de praticidade, aqui chamados de “ciências naturais”).

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Federal da Bahia- UFBA, heloisa.cunha.c@gmail.com;

Sendo assim, tal questão acaba por gerar então a necessidade de compreender quais elementos formativos, acadêmicos ou não, compõem a mulher professora e sua prática em sala de aula. Partindo do desequilíbrio supracitado, no qual há maior concentração de professoras na área de linguagens e menor concentração na área de ciências naturais.

Após a realização de um trabalho intitulado “Subjetividades em sala de aula: um olhar sobre a mulher professora na escola SESI Djalma Pessoa”, no qual, junto a dois colegas analisamos a subjetividades das mulheres professoras nas áreas de linguagens, ciências exatas e ciências humanas, acabei por perceber certa proeminência no que diz respeito à análise das angústias e discursos enfatizados pelas professoras, em especial, das áreas de linguagens e ciências exatas que, conseqüentemente, acabam por afetar a sua forma de percepção, formação e principalmente, prática em sala de aula.

Ao perceber que as subjetividades possuem significativa expressão no espaço educacional na contemporaneidade, faz-se necessária, a busca pela compreensão das vivências nas quais as mulheres professoras, das áreas de conhecimento supracitadas, estão inseridas. Viabilizando assim, uma educação pautada em maior entendimento do real cenário educacional contemporâneo.

Metodologia

Aspirando atingir os objetivos propostos, foi utilizado o método de pesquisa qualitativo por meio da aplicação de questionários direcionados para professoras de uma escola privada de nível médio localizada na cidade de Salvador.

Com perguntas objetivas, sobre questões relacionadas á prática das professoras, sua relação com alunos, influencias na sua trajetória profissional dentre outros tópicos também atrelados a questões de gênero; o questionário aplicado teve como finalidade a coleta de dados que junto a relatos orais realizados com professoras entrevistadas, nortearam o trabalho aqui exposto. A escolha das profissionais analisadas teve como critério: serem professoras do gênero feminino, lecionarem na mesma instituição de ensino e atuarem na área de linguagens ou ciências naturais.

A aplicação do questionário possuiu como finalidade, traçar um perfil das professoras nas duas diferentes áreas de conhecimento, partindo de percepções delas mesmas no que diz respeito a sua vivência profissional. Com base nas informações obtidas através da aplicação

dos questionários, foram realizadas entrevistas orais que depois de transcritas e analisadas apresentaram-se como principal norteador do trabalho.

Tendo em vista que o trabalho em questão visa uma análise histórica e percepção do hoje, a análise do discurso (entrevistas) dar-se justamente frente à tal necessidade de compreensão da realidade contemporânea. Fazendo-se necessária a busca por fontes que se encontram além das fontes documentais já produzidos sobre o assunto, assim obtendo a análise das entrevistas como principal fonte do trabalho apresentado.

DESENVOLVIMENTO

Existem vastas literaturas brasileiras disponíveis para promover discussões acerca da prática e docência, porém, no que se refere a saberes docente e prática, Maurice Tardif trouxe um estudo satisfatório de maneira mais completa, atendendo às demandas dessa pesquisa durante todo processo de análise dos resultados.

Tardif, em sua obra *“Os saberes docentes e formação profissional”*, aborda questões que adentram as subjetividades, quando afirma que o saber do professor é *plural e atemporal*, dando sustentação ao pilar central do trabalho.

Na prática pedagógica, Paulo Freire foi um referencial de extrema importância para a completude da análise das entrevistas. As professoras que contribuíram para essa etapa apresentaram, em sua fala, uma visão de educação libertária, defendida por Freire em suas obras, principalmente no seu livro *“Educação como prática da liberdade”*.

No que se refere a gênero, as professoras escolhidas para entrevista, que se disponibilizaram para colaborar, mostraram uma preocupação maior nos questionamentos referentes à diferença de gênero na profissão. No momento das entrevistas em si, evidenciaram o que ser mulher interferiu no seu caminhar, negativa ou positivamente. Guacira Lopes Louro, em *“Mulheres em sala de aula”*, discorre sobre a mulher em um trajeto histórico de opressão e marginalização, abordando os fatores marcantes que as tornaram o símbolo da docência, deixando claro que não se pode *“compreender a educação das meninas e dos meninos como um processo único”*, remetendo novamente à subjetividade na qual o mundo educacional está inserido.

Como dito anteriormente, a pesquisa aqui exposta nasce após a realização do trabalho *“Subjetividades em sala de aula: um olhar sobre a mulher professora na escola SESI Djalma Pessoa”*, onde, junto a dois colegas, analisamos a subjetividade das mulheres professoras nas

áreas de linguagens, ciências exatas e ciências humanas, no qual utilizamos abordagem qualitativa, por meio de entrevistas orais, com amostras de seis professoras, que se mostraram dispostas a colaborar com a pesquisa. Fazendo parte de um total de 45, a seleção das entrevistadas se deu da seguinte maneira: primeiro a docente se colocou à disposição para contribuir, posteriormente, a escolha foi realizada levando em consideração a área de formação e a idade – sendo duas professoras de cada área do conhecimento: Ciências Humanas, Ciências Naturais e Linguagens. Um dos critérios no momento da escolha foi optar por professoras de matérias diferentes, tendo as professoras de Filosofia e Sociologia nas Ciências Humanas; de Física e química nas Ciências Naturais; Redação e Língua Estrangeira em Linguagens.

Neste novo recorte, a escolha das entrevistas analisadas teve como princípio: área de atuação, sendo uma da área de linguagens e outra da área de ciências exatas. O local onde as entrevistas foram realizadas foi sugerido, deixando aberta a possibilidade de troca do espaço para outro, onde a entrevistada se sentisse mais confortável. Contudo, todas as professoras optaram por conceder as entrevistas no lugar sugerido, que foi na própria instituição onde lecionam. O tempo não foi delimitado, como sugere José Meihy em seu manual de história oral, então houve variâncias significativas, mas que já eram esperadas devido ao tema da entrevista, que envolvia formação e história de vida.

Nas entrevistas, inicialmente, foi abordado sobre o olhar das docentes, antes e depois de iniciar a graduação, diante do fazer da professora. Essa abordagem abriu caminho para suas histórias de vida e, conseqüentemente, para as motivações que as levaram a se tornarem professoras. Outra abordagem da entrevista foi a questão de gênero, que poderia ou não ter interferido no caminhar das mesmas. Na última etapa da entrevista, o assunto foi o próprio fazer em sala de aula, como objetivo de escutar como cada uma se percebia no contexto educacional em que vivenciam e como trabalhavam com isso, além de perceber suas visões diante da relação entre aluno e professor.

Depois das entrevistas realizadas, seguiu-se o método de pesquisa em história oral, que, além das entrevistas, consiste na transcrição, na análise e escrita. As análises foram sustentadas por trabalhos já escritos e publicados, fazendo uso de pensamentos como o de Paulo Freire, Maurice Tardif e Guacira Lopes Louro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. A mulher professora e suas subjetividades

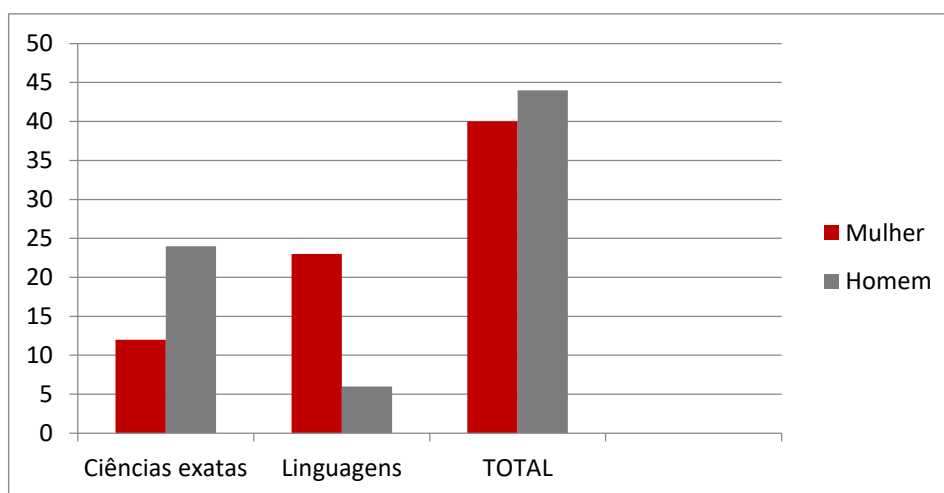
“Pensa-las apenas como subjugadas talvez empobreça demasiadamente sua história, uma vez que, mesmo nos momentos e nas situações em que mais se pretendeu silenciá-las e submetê-las, elas também foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, subverter comportamentos. ”

Guacira Lopes Louro

Ao associar a questão de gênero com o espaço pedagógico contemporâneo, é comum que, apesar dos entraves históricos enfrentados pelas mulheres para sua inserção no meio educacional, acredite-se na existência de um equilíbrio pleno em relação à sua ocupação docente nas escolas contemporâneas. Em outras palavras, é comum acreditar-se que a mulher professora possui suficiente representatividade no que diz respeito aos diversos níveis de ensino e áreas do conhecimento.

Entretanto, ao analisar a questão supracitada sob uma óptica mais aguçada, é possível perceber que mesmo ocupando significativamente o meio educacional, a mulher professora apresenta-se por muitas vezes em posição minoritária no que diz respeito à análise por certas áreas de conhecimento.

Os dados do gráfico² abaixo, referentes a certa instituição de nível médio, exerce claro exemplo para a ideia aqui exposta.



Fonte: do autor

² Dados recolhidos de uma Instituição privada, de nível médio, situada na cidade de Salvador, Bahia.

Apesar do significativo equilíbrio de professores [homens e mulheres] da instituição analisada, tal equilíbrio não se repete quando avaliado por área de conhecimento, evidenciando a área de linguagens com predominância de professoras mulheres, enquanto no departamento de ciências exatas, elas apresentam-se em menor proporção.

Gênero, entendido como uma construção social, e articulado à classe, etnia, religião, idade, determinou (e determina) algumas posições de sujeito que as mulheres professoras ocuparam (e ocupam). Discursos carregados de sentido sobre os gêneros explicaram (e explicam) como mulheres e homens constituíram (e constituem) suas subjetividades (...) assumindo, transformando ou rejeitando as representações que lhes são propostas.³

A formação docente carrega consigo inúmeros fatores que extrapolam o saber técnico adquirido nas academias, abarcando também, as subjetividades⁴ advindas de suas vivências pessoais e individuais, oriundas de percepções desenvolvidas em contato com o contexto no qual está/esteve inserida. Interpretações que não necessariamente lhes foi possibilitada unicamente pela trajetória *esculpida* na universidade, mas sim, pelo seu desenvolvimento como ser no Mundo.

Tais subjetividades acabam por contribuir para a formação das professoras como seres únicos, imbuídos de experiências e percepções, que refletem-se no espaço educacional, evidenciando que a sua formação dar-se para além do que se faz instaurado no conhecimento técnico comumente instituído nas academias.

Os professores dispõem, evidentemente de um sistema cognitivo, mas eles não são somente sistemas cognitivos, coisa que é muitas vezes esquecida! Um professor tem uma história de vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, e seus pensamentos e ações carregam marcas dos contextos nos quais se inserem.⁵

Sendo assim, percebe-se que, para além das questões históricas que contribuem significativamente para a constituição do desequilíbrio exemplificado no gráfico anterior, influenciando no direcionamento de tais docentes para as áreas conhecimento apresentadas, as subjetividades apresentam-se como forte fator relevante no percurso de cada mulher professora relacionada à questão aqui exposta.

2. A mulher professora na área de linguagens e suas subjetividades

³ LOURO, G. L. História das mulheres em sala de aula no Brasil. In: _____ PRIORE, M. D. (org.); PINSKY, C. B. (coord. De textos). São Paulo: Contexto, 2012. p. 478

⁴ SENA, A; COSTA, H.; SANTOS L.. Subjetividades em sala de aula: um olhar sobre a mulher professora na escola SESI Djalma Pessoa. Salvador. 2016

⁵ TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 265.

Vinda de uma pequena cidade do interior da Bahia, a professora *Marisa*⁶, docente da área de linguagens, evidenciou a visão que possui do seu papel de professora enquanto ser político. Para ela, o seu fazer representa mais que o comumente instituído como “papel de professora”. Junto ao conteúdo determinado pela instituição onde atua, a sua presença em sala de aula abarca questões ideológicas, políticas e representativas frente a - *impossibilidade de separação da professora da pessoa da professora* (VASCONCELOS, 2003); pois, possuem o poder de impacto direto na formação do Ser nos educandos.

Mais do que auxiliar na formação técnica cobrada pelo currículo, acredita que sua prática contribui para a formação dos alunos enquanto indivíduo, enquanto ser humano dentro da sociedade na qual se encontra inserido.

Ao ser questionada a cerca da motivação de escolha do curso de letras como área de atuação, a professora infere que:

“[...] eu entendo que o ser humano, ele transforma o seu meio e eu enxergo no professor esse ser humano, [...] entendo gramática como forma de ascensão social, quanto mais você tem adequação de linguagem mais você tem capital simbólico pra subir nas classes sociais [...]. Se você tem acesso à linguagem escrita, você tem mais opções de... Se... Como eu poderia... Se diferenciar no meio social e de intervir socialmente.”⁷

Ao apresentar como principal motivação para seu ingresso no exercício da licenciatura, a questão ideológica (o almejo pela viabilização da ascensão social), a professora vai de encontro à ideia de *vocação e dom por natureza* (LOURO, 2014) instituída historicamente. Evidencia assim, a mulher professora fruto de um processo de ruptura, onde, mais do que agente transformadora, é, também, protagonista da sua escolha/ação.

A docente considera, não só a crença da educação como agente transformador dos educandos, capaz de torna-los *seres da diferença* (NAVARRO, 2009), como também, evidencia a linguagem como signo de poder para ascensão na sociedade. Tal pensamento encontra significativo respaldo no que TELES (2009) defende, ao trazer que, além de ser *índice por excelência da identidade* a linguagem também está associada à *múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na comunidade*. Em outras palavras, a linguagem apresenta-se diretamente ligada a questões sociais nas quais o indivíduo está envolto, tornando-o detentor (ou não) da possibilidade de inserção em determinados meios delimitados socialmente.

⁶ Marisa: Nome fictício.

⁷ Fala da professora *Marisa* (nome fictício), docente da área de linguagens.

Sobre a questão de gênero na sua formação, a professora evidenciou a importância das *mulheres fortes* da sua família, que acabaram por, de certa forma, exercer influência indireta na sua persistência no curso de licenciatura, no sentido de *não ouvir as críticas e seguir aquilo que queria*.

Embora evidencie a sua percepção acerca da estereotipagem associada ao curso de letras, ao ser questionada sobre sua vivência no que diz respeito à área específica de linguagens atrelada ao gênero, a professora exprime não possuir incomodo relacionado representação feminina na área de linguagens.

Em relação à profissão, especificamente do curso de letras, eu sempre ouvi que era curso realmente pra mulher, isso eu sempre ouvi. Se é, ou se não é, também eu nunca parei pra pensar sobre isso. Eu sei que eu faço parte do curso e gosto, ponto. Não sei te dizer ao certo se... Se isso influenciou diretamente. Eu não tenho isso muito claro na minha cabeça. [...] No curso eu não sei se isso fez muita diferença. Não sei se eu fosse homem eu sairia diferente. Não penso muito [...]⁸

Vinda do contexto de estudante de escola pública do interior da Bahia, onde, durante o ensino médio, precisou montar um grupo de estudo autônomo com as colegas de turma, para balizar as necessidades educacionais e conseguir ingressar numa universidade; ao ser questionada acerca das suas percepções sobre os alunos para os quais leciona, a professora mostra-se incisiva:

Enquanto eu tenho essa questão política, ideológica, de achar que de alguma forma eu posso mudar o mundo, te ajudar na sua forma de mudar o mundo, (...) Eu vejo o estudante hoje, eu não vejo o estudante preocupado em mudar mundo nenhum. Ele tá preocupado em ganhar o seu dinheiro, ter seu carro, pagar as suas viagens, é outro perfil. E nesse aspecto às vezes eu penso que minhas aulas estão inclusive defasadas, porque eu tô dando aula pra um aluno que eu não sei se existe.⁹

Frente a uma realidade diferente da qual vivenciou como aluna, a professora espera dos seus discentes práticas que reflitam a sua busca por ascensão, que mesmo com significativos entraves, não foi inalcançado por ela. Em outras palavras, anseia por alunos que percebam as múltiplas, e possíveis, possibilidades, e assim corroborem pelo seu almejo de *mudança de mundo*. A inquietude da professora mostra-se compreensível, visto que: *“(...) a mulher professora enxerga de uma posição que possui representatividade social, lê o mundo da sua maneira, leitura que, enquanto mulher e professora, sofreu interferências únicas,*

⁸ Fala da professora *Marisa* (nome fictício), docente da área de linguagens.

⁹ Fala da professora *Marisa* (nome fictício), docente da área de linguagens.

... tendo seu olhar construído a partir de variantes com as quais teve contato durante a vida. (SENA e col, 2016)¹⁰

Sendo assim, o olhar da professora acaba por projetar nos alunos, não somente os seus anseios profissionais, mas também, as suas expectativas e almejos pessoais.

3. Subjetividades da mulher professora na área das ciências naturais

Oriunda de um contexto no qual fizeram-se presentes fortes referências de mulheres professoras dentro do seu núcleo familiar, a professora *Eduarda*¹¹, docente da área das ciências exatas, ao falar sobre as motivações que contribuíram para que optasse pelo curso de licenciatura, expressa que desde a infância possui significativo encanto com a prática docente.

Complementa a ideia, afirmando que se via *como a professora que tentaria encaixar o aluno no mundo da ciência*¹², evidenciando assim, significativo fascínio com a área científica desde a infância, além de fazer parte da significativa parcela de meninas *pouco estimuladas* (CARVALHO e col) a integrar o meio das ciências naturais.

Ao evidenciar a visão que possuía sobre as suas professoras de ensino básico, a docente acaba por reforçar a ideia de AGRELLO E GARG (2009)¹³ sobre a necessidade de *mais professoras mulheres, a servir como modelo para encorajar um número maior de jovens garotas*. Assim, expressa, com ênfase, *afetividade e inspiração* por aquelas que lecionaram nas disciplinas na área das ciências exatas,:

[...] no meu ensino médio, em particular eu tinha um carinho enorme pela minha professora de matemática, não sei se era porque **eu via nela uma coisa que eu queria ser em mim**, [...] ela era fantástica! Na sala de aula, no jeito que ela tentava ali, transcrever as coisas [...] ela foi a professora que todo mundo queria ser.

[...]

Isso! me inspirou sim. Porque eu sempre gostei de matemática, eu sou suspeita em falar porque eu sempre fui muito boa; matemática, física... [...] e aí pra mim, poxa, minhas melhores professoras, **eu lembro o nome de todas as minhas professoras de matemática**, porque física você só tem no ensino médio, né, então eu tenho todas, eu gostava realmente de tá aprendendo aquilo ali, eu gostava do jeito que elas passavam aquilo.

¹⁰ SENNA, A.; COSTA, H.; SANTOS L. **Subjetividades em sala de aula: um olhar sobre a mulher professora na escola SESI Djalma Pessoa**. Relatório de pesquisa, Salvador – BA, p. 32, 2016.

¹¹ *Eduarda*: nome fictício.

¹² Professora Eduarda

¹³ AGRELLO, D. A. e GARG, R. Mulheres na física: poder e preconceito nos países em desenvolvimento. Revista Brasileira Ensino Física. Vol.31, n.1, 2009, p. 1305.11305.6

Diante de tal fala, é possível perceber a significância da *representatividade*, que se faz presente na professora desde antes do seu ingresso no ensino superior, evidenciando o que TARDIF (2014) qualifica como *saber herdado*, que, embora acompanhe a docente durante a sua trajetória profissional, não origina-se, necessariamente, da sua formação acadêmica, mas sim, já na sua vivência advinda do nível básico de educação.

“Em suma, antes mesmo de começarem a ensinar oficialmente, os professores já sabem de muitas maneiras, o que é o ensino por causa de toda a sua história escolar anterior. Além disso, muitas pesquisas mostram que esse saber herdado da experiência escolar anterior é muito forte, que ele persiste através do tempo e que a formação universitária não consegue transformá-la nem muito menos abalá-lo (TARDIF, 2014)¹⁴

Ao trazer que as professoras da área de ciências exatas acabaram servindo como inspiração para a sua prática docente, é possível perceber que a entrevistada vivenciou, já no ensino básico, um contexto desviante do que é comumente imposto à maioria das meninas: a carência de representação feminina na área das ciências exatas.

Quando se pede às meninas que desenhem um cientista, quase todas desenham um homem, uma figura de óculos, como Einstein. Elas raramente desenham uma mulher e, certamente, nunca alguém com que se pareçam: não há correlação entre a mulher jovem de hoje e a imagem de “cientista”. É necessária uma mudança na percepção das meninas sobre os cientistas e sobre as mulheres como cientistas. (D.A. Agrello e R. Garg, 2009)

Já ao ser questionada sobre as suas percepções e vivências no diz respeito à relação entre gênero e o curso de física, no qual ingressou, a professora expõe e enfatiza claro desconforto acerca das ideias estereotipadas presentes no meio acadêmico do qual integrou, referentes ao fato de ser mulher: *Ah, isso sim! ‘porque física é coisa de homem; porque física só quem entende é homem; por que mulher boa em física?’*. *E na universidade então, você sendo aprovado em uma matéria muito difícil? ‘hum... Você tá dando pro professor’. E isso é ridículo, entendeu?*¹⁵

Ideias deste tipo, além de reforçar as concepções instituídas historicamente na sociedade, questionando o intelecto feminino frente à necessidade do desenvolvimento de competências específicas exigidas no curso de física; contribui também para o *desestímulo* da mulher no ingresso do ramo científico, contribuindo assim, para o baixo índice da permanência de mulheres no curso de física.

¹⁴ TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002. 328 p.

¹⁵ Fala da professora Eduarda [nome fictício] docente da área de ciências exatas

No que diz respeito à suas percepções acerca da presença e ausência da representação feminina no curso de física, a professora evidencia: [...] *Cansei de ficar em turma onde só tinha eu de mulher [...] quer exemplo melhor? Tô no mestrado; pergunta quantas mulheres tem na sala... Só tem eu na sala de mulher. Quinze, dos quinze, só eu de mulher! E professor? Só professor homem.*¹⁶

Embora a história evidencie crescente inserção da mulher na educação formal, a realidade contemporânea aponta que tal aumento não possui proporção nem impacto suficiente para sanar a segregação de gênero nos espaços educacionais, em específico no ambiente acadêmico. Dando respaldo à ideia que AGRELLO E GARG (2009) trazem ao sinalizar que *Não há incentivo específico para as mulheres estudarem ou trabalharem em ciência e tecnologia no Brasil.*

Refletindo assim, na construção do espaço científico como representação de um ambiente insatisfatoriamente desafiador, ou melhor dizendo, desanimador para meninas/mulheres, frente à ideia de (im)possibilidade sobre a sua inserção na área das ciências naturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a mulher professora, em específico, da área das ciências exatas e linguagens, nota-se que a subjetividade continua por apresentar-se como forte característica da formação docente, gerando assim, inquietude e percepções frente à ausência e presença de representatividade no meio em que atua.

Além de questões ligadas à área de conhecimento, as subjetividades também se evidenciam na história de vida das docentes, resultando em diferentes características frente aos estímulos, ideias, desejos e leituras sobre o espaço no qual esteve inserida desde antes do ingresso no nível superior.

A validade deste trabalho dar-se justamente frente à compreensão da mulher professora enquanto sujeito, enquanto ser histórico imbuído de saberes construídos em seus múltiplos espaços de conquista e contato, possibilitando que adentremos assim, com maior domínio de informação, nas questões que diz respeito aos cenários educacionais contemporâneos.

¹⁶ Fala da professora Eduarda [nome fictício] docente da área de ciências exatas

REFERÊNCIAS

AGRELLO, D. A. e GARG, R. **Mulheres na física: poder e preconceito nos países em desenvolvimento**. Revista Brasileira Ensino Física. Vol.31, n.1, 2009, p. 1305.11305.6

ESCOLA SESI DJALMA PESSOA. **Projeto político pedagógico**. Salvador. 2016. 70 p.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1997. 84 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra. 1996. 148 p.

LOURO, G. L. **Mulher na sala de aula**. PRIORE, M. D. (org.); PINSKY, C. B. (coord. de textos). São Paulo: Contexto, 2012. 482 p.

OLINTO, G. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil**. **Inclusão Social**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011.

ROSEMBERG, F.; AMADO, T. **Mulheres na escola**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 80, p. 62-74, 1992.

SENA, A; COSTA, H.; SANTOS L.;. **Subjetividades em sala de aula: um olhar sobre a mulher professora na escola SESI Djalma Pessoa**. Anais FEBRACE, São Paulo, p. 32, 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014. 328 p

VASCONCELOS, Geni A. N (Org.). **Como me fiz professora**. 2º edição. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003. 152 p